

TENSÕES DE GÊNERO NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM DILMA BOLADA

Adriana Jacob¹
Lindinalva Silva Oliveira Rubim²

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar as questões de gênero e possíveis tensões relacionadas à presença de mulheres no poder expressas na personagem fictícia e humorística Dilma Bolada na rede social Facebook. Queremos observar quais características pessoais estão relacionadas com a personagem – inspirada na primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff – e de que maneira elas interagem com os estereótipos de gênero. Criada em 2010, a personagem chega a abril de 2018 com 1,749 milhão de fãs na referida rede social. O estudo analisa o período do impeachment de Dilma Rousseff, entre os meses de dezembro de 2015 e agosto de 2016, culminando com sua perda do mandato. Tomando como referência esse momento de tensão política, queremos observar quais são as características relacionadas a Dilma Bolada em relação à identidade de gênero e como elas contribuem para a configuração das tensões relacionadas à presença de mulheres no poder. Ao escolher a mídia social como campo de estudo, levamos em conta a importância que esse espaço de sociabilidade vem conquistando no mundo e, particularmente, no Brasil. Além disso, pode ser considerado um ambiente de reprodução de estereótipos que, ao lado da mídia tradicional, ajuda a configurar identidades culturais.

Palavras-chave: Tensões de gênero, impeachment, Dilma Bolada, redes sociais, estereótipos.

Introdução

Muitos avanços das mulheres ainda são recentes na esfera pública, campo emblemático do exercício do poder. Consequentemente, eles não foram suficientemente moldados na cena cultural. É o caso da imagem das mulheres no mais alto cargo do poder executivo de um país democrático – a conquista da presidência – alcançada no Brasil por Dilma Rousseff em 2010. As mulheres na arena política enfrentam muitas tensões de gênero que podem influenciar a opinião pública e, por conseguinte, suas chances de serem eleitas. Além disso, nos casos em que já conquistaram cargos políticos, essas tensões podem levar as mulheres a perder a credibilidade e o poder político.

Consideramos aqui tensões de gênero atitudes e tratamentos que submetem as mulheres a situações de constrangimento que deslegitimam sua igualdade. Na arena política, isso acontece quando os estereótipos são evocados para legitimar a competência de homens e mulheres, segundo padrões socialmente estabelecidos para a esfera pública ou privada,

¹ Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. E-mail: adrianajacob.cultura@gmail.com

² Docente na Universidade Federal da Bahia. E-mail: lindasorubim@gmail.com.

baseados em diferenças biológicas (Paxton e Hugues 2017; Pomper 2017; Miguel e Biroli 2014; Norris 1997).

Neste artigo, examinamos o processo de impeachment de Dilma Rousseff como um exemplo de tensões de gênero na política. Eleita em 2010 como a primeira mulher presidenta do Brasil, Dilma voltou a ocupar o cargo por meio de eleições populares em 2014. Nesse período, alcançou maior popularidade do que as de seus antecessores, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso. A aprovação do governo da presidenta alcançou o nível mais alto da história do Brasil, 77%.

No entanto, a popularidade de Dilma caiu significativamente desde os protestos por reformas políticas em 2013, e especialmente em seu segundo mandato, iniciado em janeiro de 2015. Durante todo esse ano, ela enfrentou inúmeras tensões políticas - muitas delas relacionadas a gênero - e em dezembro de 2015 um processo de impeachment foi aberto contra ela. Nos nove meses seguintes, deputados e senadores integraram comitês especiais responsáveis pela condução do processo e pela decisão de afastamento provisório da presidenta eleita em maio de 2016. Em 31 de agosto de 2016, ela foi definitivamente afastada do cargo.

Dilma Bolada foi criada em 2010 e rapidamente tornou-se muito popular. Atualmente, é seguida por 1.749 milhão de fãs na referida rede social. A mídia social é um ambiente onde os estereótipos são reproduzidos e, ao lado da mídia tradicional, ajuda a estabelecer identidades culturais. Além disso, molda as escolhas políticas e a opinião pública. Nosso objetivo principal é investigar possíveis tensões decorrentes de questões de gênero e como elas são expressas na fanpage de Dilma Bolada. Queremos observar quais características pessoais estão relacionadas à personagem e como elas interagem com os estereótipos de gênero. O estudo analisa as postagens dos nove meses do processo de impeachment. Desta forma, iremos comparar as tensões de gênero desde o anúncio da abertura do processo de impeachment até o final, quando Dilma foi destituída do cargo.

Nossa hipótese é que, ao assumir comportamentos reconhecidos como masculinos, Dilma Bolada contradiz os estereótipos socialmente estabelecidos para as mulheres. A personagem, no entanto, também apresenta estereótipos femininos. Ao combinar essas representações masculinas e femininas, emerge uma tensão que, no final das contas, empodera Dilma Bolada na subversão dos papéis tradicionais de gênero.

Este artigo está dividido da seguinte forma. Primeiro, apresentamos uma breve descrição do contexto político do impeachment de Dilma Rousseff e a personagem Dilma

Bolada. Em segundo lugar, discutimos teoricamente sobre os estereótipos e tensões de gênero enfrentadas pelas mulheres na arena política. Em terceiro lugar, investigamos as postagens do personagem levando em consideração os objetivos propostos pelo artigo: analisamos quais traços pessoais estão relacionados à personagem e como eles interagem com os estereótipos de gênero. A conclusão fornece uma visão geral sobre as tensões de gênero relacionadas às mulheres no poder no período e no contexto estudado, bem como recomendações para pesquisas futuras sobre esse tema.

Tensões de Gênero na Política

A porcentagem média de mulheres nas legislaturas nacionais em todo o mundo é de 22%. As mulheres são 51,4% da população brasileira. No entanto, elas representam apenas 10,7% (Câmara dos Deputados) e 14,8% (Senado) das legislaturas nacionais, o que coloca o Brasil na posição 155, um dos últimos do Ranking Mundial das Mulheres nos Parlamentos. Países latino-americanos como Argentina, Costa Rica e Chile, que também tinham mulheres como presidentes na segunda década do século XXI, estão em melhores posições: 16, 27 e 129, respectivamente.

Mulheres ativamente envolvidas com a política experimentam discriminação de gênero devido a inconsistências entre as percepções do que é preciso para ser um político de sucesso em instituições que estão moldando, constringendo e reforçando padrões de poder de gênero. Políticos operam não apenas pelas regras oficiais, mas pela informalidade, costumes, tradições e normas. Reconhecer o caráter informal de gênero das instituições é certamente importante para entender algumas das dificuldades que as mulheres enfrentam na política. Essas regras, costumes e tradições informais também estão relacionados a estereótipos. Para muitas pessoas, tradicionalmente, a liderança está associada à agressão, dominação, competitividade e determinação. Estereótipos, no entanto, sugerem comportamentos diferentes para homens e mulheres. Nessa visão, os homens são considerados mais assertivos, dominantes, agressivos, competitivos e independentes. Em oposição, as mulheres são estereotipadas como calorosas, compassivas, prestativas, carinhosas, simpáticas, sensíveis, gentis e educadas. Isso significa que, na maioria das vezes, a liderança é codificada como masculina (Dolan 2014; Hughes e Paxton 2017; Norris 1997; Pompper 2017; Biroli 2011; Genovese e Steckenrider 2013).

É importante conceituar estereótipos com o objetivo de aprofundar nossa discussão. Consideramos estereótipos simplificações de categorias ou atalhos cognitivos que participam

de exercícios de poder. São equivalentes a padrões que correspondem a expectativas normativas sobre o comportamento dos atores em uma determinada sociedade e, nesse sentido, referem-se a papéis socialmente definidos. Consistem, portanto, em categorias que estabelecem padrões de aproximação e julgamento, orientando a leitura do novo a partir de referências antigas. Ao encontrar um indivíduo que é membro de um grupo, as pessoas assumem que esse indivíduo compartilha os atributos do grupo (Biroli 2011; Dolan 2014).

Não há necessariamente uma oposição entre as distorções que os estereótipos envolvem e a maneira pela qual as experiências dos indivíduos são organizadas concreta e efetivamente. As possíveis tensões devem ser entendidas como parte das continuidades entre estereótipos e interações sociais concretas nas quais as distorções tomam a forma de interpelações, de modo que os indivíduos ajam de certo modo ou enquadrem seu próprio comportamento e o comportamento dos outros, nos esquemas fornecidos por esses padrões. Estereótipos e realidade se alimentam uns dos outros, confirmando papéis, comportamentos e valores produzidos socialmente.

A relação entre os estereótipos e a realidade está, portanto, ligada aos exercícios de poder, com diferentes graus de institucionalização, impondo ônus e desvantagens materiais e simbólicas a alguns grupos sociais. Ao mesmo tempo, relaciona-se com formas de opressão que reforçam as barreiras e restrições cotidianas que atuam sobre determinados grupos e podem favorecer a reprodução de condições materiais e ideológicas que facilitem a vida e proporcionem mais oportunidades reais a partir do ponto de outros grupos, como homens brancos heterossexuais (Young, 1990; Biroli, 2011). Dolan (2014) explica que os estereótipos de gênero estão entre os estereótipos mais difundidos e persistentes que as pessoas possuem, em parte porque o sexo de uma pessoa é uma das primeiras coisas socialmente definidas sobre ela.

Os estereótipos duradouros são particularmente destrutivos para as mulheres na política eletiva, à medida que o público espera que as mulheres que desempenham seu papel na esfera pública também enunciem discursivamente sua feminilidade. A distinção entre esfera pública e privada mostra as desvantagens entre homens e mulheres, especialmente no campo político. Enquanto o primeiro, considerado um espaço masculino, está relacionado a princípios universais, política e economia, o segundo abriga relações pessoais e íntimas. Nesse sentido, as mulheres devem se concentrar em sua casa, família e filhos.

“Women who are perceived as too feminine are considered weak, incompetent, and inexperienced. Women who are perceived as too masculine are deemed deviant and scary”

(Pompper 2017, 209). As mulheres que são consideradas muito femininas são consideradas fracas, incompetentes e inexperientes. Mulheres que são consideradas masculinas demais são consideradas desviantes e assustadoras (tradução nossa).

Vários estudos mostram que os estereótipos são relevantes para candidatos políticos. Eles apontam que as pessoas avaliam os traços masculinos estereotipados (experiência, liderança) como mais importantes na política do que os traços femininos (honestidade, compaixão), particularmente quando o nível dos cargos eletivos aumenta do nível local para o nacional (Dolan, 2014). Além disso, os eleitores que confiam em estereótipos sobre feminilidade são menos propensos a votar em uma candidata do sexo feminino. Existem também estereótipos baseados na feminilidade enfatizada, sobre como uma mulher deve parecer e aparecer (Pompper 2017).

Em uma cultura que considera (ainda que implicitamente) a política um espaço para os homens, ou a experiência das mulheres sugere que há um teto de vidro que permite que uma mulher conquiste cargos de poder, mas sempre com um limite, qualquer mulher que aspire a posições de destaque pode ser considerada subversiva em relação à ordem estabelecida.

No Brasil, antes de ser eleita presidente, quando Dilma Rousseff liderava a Casa Civil, começaram a surgir críticas sobre o temperamento difícil, a impaciência e o tom incisivo na cobrança aos ministros. As queixas chegaram ao Presidente Lula, que diplomaticamente aconselhou sua ministra a ser mais “gentil”, mas nunca a desmentiu. No entanto, o próprio Lula ajudou a reforçar a imagem “dura” de Dilma Rousseff. Um dia, ele disse a José Sarney que havia autorizado um trabalho no interior do Maranhão, mas disse ao ex-presidente: “Não diga nada a Dilma. Se ela sabe que eu fiz isso por você, ela vai me matar” (Amaral 2011, 166).

A imagem dessa dureza seria reforçada ao longo dos dois mandatos de Dilma Rousseff na Presidência da República e se tornaria uma fonte de críticas constantes. Em várias ocasiões, ela afirmou que a origem dessas questões era o preconceito por ser mulher. Em entrevista ao jornal Estado de São Paulo, ela afirmou que o preconceito na vida pública é menos sofrido pelas mulheres que estão na vanguarda de programas sociais como saúde, meio ambiente e educação, funções que segundo ela são sempre consideradas pela sociedade como relevante e estratégico. O preconceito é maior em sua avaliação no caso de mulheres que comandam outras áreas, antes restritas aos homens.

“As mulheres que alcançam o poder não podem cometer os mesmo erros que às vezes os homens cometem. Nós também somos mulheres capazes de atuar em áreas restritas, até agora, a homens. Eu sempre estive em áreas restritas a homens. Eu fui secretária de Fazenda, secretária e ministra de Minas e Energia e, agora, chefe da Casa Civil. Sempre fui a primeira e tenho certeza de que não serei a última”. No discurso, a ministra afirmou que, daqui para frente, vai bater forte numa tecla que o presidente sempre bateu: a luta contra o preconceito. “O presidente sempre diz que não pode errar, pois fica difícil um outro trabalhador concorrer à Presidência. E nós, mulheres, também não podemos errar. É muito importante que tenhamos mulheres em áreas que só têm homem”. A ministra citou a escritora francesa Simone de Beauvoir: “ela dizia que a gente não nasce mulher; a gente se torna mulher. É uma construção histórica e cultural. E, no Brasil, a mulher tem uma forma generosa, mas sobretudo responsável e ética. Eu não quero cair numa situação fácil de dizer que a mulher é mais sensível e terna.” (NOSSA, 2009).

No entanto, um ano depois, em sua campanha presidencial, Dilma Rousseff inseriu um estilo mais “feminino” para equilibrar uma imagem mais “masculina”. O foco estava em sua falta de carisma e estilo de liderança mais abrasivo (Jalalzai 2016; dos Santos e Jalalzai 2014) e ela foi chamada de “Mãe do Brasil” ou “Mãe do Povo”. O uso de símbolos de feminilidade e maternidade foi especialmente importante para a percepção pública de que ela era indevidamente severa e abrasiva, características que geralmente são associadas à masculinidade. Além disso, em seu discurso de posse, ela disse que as mulheres nasceram com um senso de carinho, apoio e proteção. Ela também disse que cuidaria do povo brasileiro e que seria a “mãe do povo brasileiro” (Jalalzai 2016, 70).

Mulheres consideradas muito femininas na política são castigadas na mídia por serem incompetentes, e aquelas consideradas não suficientemente femininas são enquadradas negativamente como não heterossexuais e/ou feias. Esse efeito *backlash* é chamado de *double bind* (Jamieson 1995; Jalalzai 2016; Pompper 2017). O duplo vínculo (tradução nossa) de gênero impede que as mulheres obtenham seu potencial de liderança. É por isso que mulheres líderes na política e em outros lugares devem parecer poderosas e, ao mesmo tempo, parecer apropriadamente femininas. Este é um campo de tensão comumente encontrado por mulheres em altas posições políticas. Para evitar o *double bind*, as evidências sugerem que as candidatas combinam estilos regularmente, unindo imagens “masculinas” e “femininas” enquanto fazem campanha (Jalalzai 2016).

A mídia é persistente em atacar mulheres politicamente ativas com base em sua aparência física ou comportamento em contextos como feminilidade, atratividade e respeitabilidade. Moda, penteado e maquiagem tornaram-se tópicos habituais para falar sobre política feminina. No Brasil, a sexualidade de Dilma Rousseff foi comentada. Ela foi chamada de “Dilmão”, e considerada uma mulher masculina. Durante a campanha presidencial de

2014, foi produzido um adesivo no qual a presidenta estava representada com as pernas abertas. Ele foi colado nos veículos em uma posição que a bomba de combustível foi inserida entre as pernas de Dilma Rousseff na foto. O adesivo foi severamente criticado nas redes sociais e seu uso foi proibido pela Justiça.

Outro aspecto importante sobre os estereótipos de gênero é o estilo retórico. Quando mulheres políticas se envolvem em argumentações, esclarecem sua posição e oferecem provas convincentes - comportamentos codificados como masculinos, elas tendem a confundir platéias desacostumadas a esse comportamento. Enquanto homens poderosos são vistos como bem-sucedidos, mulheres poderosas são castigadas por serem ambiciosas e agressivas. Toda vez que uma mulher em uma posição de poder não combina com um estereótipo, surge uma tensão de gênero. Nós identificamos essas tensões na análise dos posts de Dilma Bolada.

Características pessoais

Esta seção analisa quais estereótipos estão relacionados à personagem Dilma Bolada e como eles estão relacionados às tensões de gênero. Investigamos as características pessoais e políticas que estão presentes nos posts publicados na fanpage Dilma Bolada, na rede social Facebook, durante o período de impeachment. Nesses nove meses, foram publicados 465 posts. Janeiro foi o mês com menos posts, apenas 9, e maio teve mais publicações, 113.

Para entender a presença de estereótipos femininos e masculinos, identificamos as características pessoais mostradas em cada post, gerando dados que foram enquadrados de acordo com as categorias mais frequentes encontradas. Também fizemos uma investigação qualitativa, analisando o post mais popular de cada mês durante o processo de impeachment. O critério utilizado para definir os posts mais populares de cada mês foi a quantidade de curtidas. Para essa análise, levamos em conta apenas os posts que trouxeram características pessoais de Dilma Bolada, o que significa 292 publicações na fanpage.

Para a criação dos dados, foram consideradas as características pessoais relacionadas à Dilma Bolada que foram explicitamente apresentadas nas postagens. Para aprofundar a análise, os 258 estereótipos encontrados foram agrupados em 19 categorias. Algumas das mensagens não apresentaram nenhum estereótipo. Para esses casos, utilizou-se a categoria “Não Aplicável”.

As dez características pessoais mais frequentes encontradas foram: Irônica / sarcástica (20,93%); Honesta / honrada (17,82%); Corajosa (13,17%); Rude (9,68%); Empoderada / vencedora (8,13%); Atrevida / engraçada (6,97%); Bonita / elegante (4,65%); Progressiva

(3,1%); Traída (2,71%) e Feliz / Agradável (2,32%). Esses percentuais referem-se ao conjunto de posts analisados que apresentaram características pessoais de Dilma Bolada. Na categoria honesta / honrosa, também foram incluídas características como justa, legítima e inocente (da acusação de impeachment). A categoria progressista refere-se a alguém que é contra o racismo, em favor das minorias e dos direitos LGBT, e a liberdade de expressão.

O traço mais frequente pode ser explicado pelo viés humorístico do personagem. Embora não sejam necessariamente listados como estereótipos masculinos, se levarmos em conta a expectativa social de que as mulheres devem ser gentis, calorosas, sensíveis e compassivas, irônica e especialmente sarcástica, que podem ser agressivas e mesmo ofender seu alvo zombando de alguém, podem ser consideradas mais relacionadas com a lista de estereótipos associados aos homens.

Além disso, traços pessoais como corajosa e rude, dura, irritada e indignada também são geralmente associados a estereótipos masculinos que se referem à esfera pública. Juntos, eles representam 22,85% dos estereótipos encontrados nos posts. Essas características foram muito associadas à Dilma Bolada e também à Dilma Rousseff. O jornalista Rodrigo de Almeida (2016) fala sobre como o temperamento de Dilma Rousseff agravou sua perseguição implacável durante seu segundo mandato. Ele a descreve como uma mulher honesta, mas difícil.

Trabalhando com ela, descobri uma das mulheres mais inteligentes que já conheci e consegui ver o tamanho do preconceito sobre uma mulher líder. Uma piada sobre ela ficou famosa: ela era uma presidente rude cercada por homens sensíveis. Ironia em resposta à fama de briguenta, grosseira e difícil de lidar em um país acostumado a ter o macho branco adulto sempre no comando (De Almeida 2016, 11).

No entanto, ela mencionou muitas vezes que essas críticas se originaram de estereótipos sexistas. Ela também tentou mostrar sua feminilidade, especialmente durante suas campanhas presidenciais. Em um de seus discursos, ela disse que “Nós, mulheres, nascemos com um senso de cuidado, apoio e proteção. Somos imbatíveis em nossa defesa de nossa família e de nossos filhos” (In: Jalalzai, 2016, 70). Neste caso, mesmo mostrando sua força como mulher, foi direcionada ao cuidado da família, segundo os estereótipos femininos tradicionais baseados na esfera privada.

No entanto, Dilma Rousseff tentou, em vários momentos, suavizar características como dureza e grosseria, os dados mostram que Dilma Bolada assumiu esses estereótipos masculinos. Diante da abertura do processo de impeachment, a personagem tentou mostrar que ela era honesta e lutou em uma guerra contra seus inimigos políticos. Portanto, faz sentido que honesta e honrada seja a segunda categoria mais frequente, incluindo 17,82% dos estereótipos encontrados nos posts. Ela se mostrou como uma mulher honesta e inocente atacada por inimigos corruptos.

Apesar de alguns posts mostrarem que Dilma Bolada foi injustiçada (07), na maior parte do tempo, ela se apresentou como uma presidente empoderada que estava pronta para lutar democraticamente em nome do povo brasileiro contra o processo de impeachment, que ela firmemente chamou de golpe de Estado. A categoria empoderada e vencedora apareceu em 8,13% dos posts com estereótipos.

Além de honesto / honrada, os traços femininos mais frequentes que remetem à personagem Dilma Bolada são bela / elegante / fashion / sexy, que compõem 4,65% dos posts e Feliz, agradável e amigável, com 2,32% dos posts. Isso significa que, apesar de Dilma Bolada agir mais normalmente de acordo com os estereótipos masculinos, ela também se comporta com referência aos estereótipos femininos. Mesmo como uma guerreira pronta para lutar, ela usa roupas sensuais e ela diz, na fanpage, que ela é muito bonita. Sua beleza é frequentemente usada de maneira fortalecedora, ajudando-a a ter a admiração de líderes importantes em todo o mundo.

O post 1 (Figura 1) foi o mais popular em dezembro de 2015, com 74.000 curtidas. Inspirada no filme *Jogos Vorazes*, a fotomontagem traz o texto “Que os jogos comecem e que a sorte esteja sempre a seu favor”; “Se você me atacar, eu vou atacar” e a inscrição Jogos Vorazes: A Esperança - O Fim - O fogo vai queimar para sempre. Para compreender melhor este post, é importante contextualizá-lo. Esta mensagem foi publicada no mesmo dia em que o processo de impeachment foi aberto contra Dilma Rousseff. Em vários momentos, a personagem seguiu os eventos reais sobre o presidente.

Quando o processo de impeachment foi aberto, a oposição a Dilma Rousseff considerou uma possível renúncia da presidenta eleito e a população aguardava sua posição. Esta publicação foi a resposta de Dilma Bolada ao processo, com a mensagem clara de que ela não renunciaria e, mais do que isso, lutaria como uma guerreira destemida contra seus adversários políticos. O post mostra a personagem como corajosa, destemida e empoderada. Além disso, ela também é linda, com um corpo perfeito e vestindo roupas sexy. Dilma Bolada

está usando as mesmas roupas que a protagonista de *Jogos Vorazes*, a heroína Katniss Everdeen. No filme, Everdeen não segue o estereótipo da mulher doce, macia e frágil, embora ela seja uma personagem feminina. De maneira semelhante, apesar de usar roupas sexy, Dilma Bolada não atua como objeto sexual. Ela mostra-se empoderada e afirma que, se for atacada, irá contra-atacar. Esta postagem foi compartilhada por 15.358 internautas.

Que os jogos comecem e que a sorte esteja sempre a seu favor.
"Se me atacá, eu vou atacá." - BRASIL, Inês.



[Figura 1. Dilma Bolada em foto montagem inspirada no filme *Jogos Vorazes*. “Que os jogos comecem e que a sorte esteja sempre a seu favor; Se você me atacar, eu vou atacar”. Monteiro, Jeferson. Facebook. 2 de dezembro de 2015. www.facebook.com/dilmabolada]

É possível observar algumas tensões de gênero sobre uma mulher em posição de poder neste post. Dilma Bolada é representada em alguns estereótipos masculinos que geralmente não são bem-vindos nos cargos políticos, como corajosa e destemida. Por outro lado, ela também tem um pequeno recurso pessoal recorrente para mulheres em altos cargos políticos, mais ligadas à sensualidade. Pesquisas mostram que (Pompper 2017) mulheres em cargos políticos são muito cobradas por sua aparência e pela maneira como se vestem. Desta forma, ela contradiz alguns estereótipos masculinos e femininos comuns na política em uma tensão de gênero.

O post mais popular de Dilma Bolada, em março de 2016, reforçou sua honestidade. A fanpage usa uma foto real de Dilma Rousseff no post, e a personagem diz, ironicamente: “Li 13 vezes a lista e não vi meu nome. Mas os da Comissão do Impeachment...”. 13 é um

número amplamente utilizado por Dilma Bolada, por ser também o número de seu partido político, o Partido dos Trabalhadores (PT). O questionamento da personagem referiu-se à Comissão de Impeachment responsável por seu julgamento. Eles tinham currículos que “não resistiriam a uma busca rápida no Google”, como a personagem diria em outro post. Ela seria julgada por deputados e senadores acusados de crimes de corrupção. Neste post, publicado em 23/03/2016, a personagem não era apenas honesta, mas também irônica, combinando estereótipos masculinos e femininos. 46.000 internautas curtiram este post e 25.920 o compartilharam no Facebook. Há uma tensão de gênero nesta mulher que se apresenta como honrada, mas será julgada por homens corruptos.



[Figura 2. Dilma Bolada lê a lista de réus de crimes de corrupção na Operação Lava Jato. Monteiro, Jeferson. Facebook. 23 de março de 2016. www.facebook.com/dilmabolada]

Na maioria das características pessoais que se referem a Dilma Bolada, se considerarmos os estereótipos masculinos irônica / sarcástica; Brava / corajosa, rude / forte e empoderada / vencedora, eles irão compor 52,71% dos posts. Por outro lado, estereótipos femininos como honesta / honrada; Bonita / elegante e feliz / boa, somam 24,79%. Alguns traços referem-se a estereótipos que não são necessariamente masculinos ou femininos, como engraçada e traída.

Durante o período de impeachment, Dilma Bolada usou o humor para dar respostas irreverentes aos seus oponentes políticos, como o vice-presidente Michel Temer, que a substituiu na Presidência da República. Afastada interinamente do cargo em 12 de maio de

2016, ela afirmou em vários momentos que estava sofrendo retaliação de Temer. A personagem criou uma presidenta fictícia que era muito próxima de pessoas simples. Essa é certamente uma das razões de sua enorme popularidade. No texto do post, a personagem diz: “Temer cortou o dinheiro da comida. Sem problemas. Eu vou no “bandejão”. De fome, não morro. Beijos”. Este foi o post mais popular em junho de 2016, com 53.000 curtidas e 20.057 ações.

Outras características pessoais como vingativa, confiante, mãe, simples, criativa, inteligente, séria, sentimental e feminista apareceram nos posts, porém menos de cinco vezes em um período de nove meses. Dos 465 posts analisados, 173 foram classificados como "Não Aplicável" por não apresentarem as características pessoais de Dilma Bolada. Os dados indicam como a personagem transita por estereótipos de gênero, enfrentando algumas tensões relacionadas ao gênero e à sua posição de poder.



[Figura 3. Dilma Bolada em restaurante popular. Monteiro, Jeferson. Facebook. 9 de junho de 2016. www.facebook.com/dilmabolada]

Considerações Finais

Este trabalho buscou investigar as tensões decorrentes das questões de gênero e como elas foram expressas na fanpage de Dilma Bolada durante o período do processo de

impeachment de Dilma Rousseff, de dezembro de 2015 até agosto de 2016. Observamos quais características pessoais estavam relacionadas à personagem e como elas interagem estereótipos de gênero.

Combinando dados quantitativos e um estudo qualitativo, é possível afirmar que o comportamento e as ações de Dilma Bolada estavam mais associados a estereótipos socialmente relacionados aos modelos masculinos. Esses estereótipos, como exemplo de ser corajosa, guerreira, determinada e destemida, contribuíram para que a personagem expressasse o poder de sua posição como líder do poder executivo do Brasil. Dilma Bolada reitera alguns traços considerados masculinos geralmente associados à presidenta Dilma Rousseff, como seriedade e firmeza.

Por outro lado, em vários momentos, a personagem também apresentou características femininas que reforçaram seu empoderamento. Isso significa que, nessa análise de Dilma Bolada, os traços mais relacionados às mulheres não representaram um sinal de enfraquecimento de sua liderança. Em vez disso, foram usados estrategicamente como aliados para o seu fortalecimento. A personagem apresenta muita sensualidade e sexualidade. Além disso, ela reforça um tratamento socialmente mais relacionado às mulheres na política: a honestidade, argumento central para a defesa do caráter contra as acusações de impeachment. Essas características femininas não a posicionaram em qualquer momento como objeto, mas como sujeito, protagonista do poder político.

Algumas das questões políticas frequentemente discutidas por Dilma Bolada não estavam necessariamente associadas a estereótipos masculinos ou femininos. No entanto, a forma como o personagem abordou essas questões aponta para as tensões de gênero enfrentadas pelas mulheres quando elas ocupam cargos políticos. Diante desse cenário, é possível afirmar que a fanpage citada é estabelecida como um instrumento rico para o estudo das tensões de gênero relacionadas à presença de mulheres no poder. Ao assumir comportamentos reconhecidos como masculinos, Dilma Bolada contradiz os estereótipos socialmente estabelecidos para as mulheres. No entanto, como a análise mostrou, o personagem também apresenta estereótipos femininos. Ao combinar essas representações masculinas e femininas, isso apresenta uma tensão que, no final das contas, empodera Dilma Bolada na subversão dos papéis tradicionais de gênero.

Em alguns pontos, como a convicção de inocência, por exemplo, as posições de Dilma Bolada e Dilma Rousseff se aproximaram, bem como a afirmação da ilegalidade do processo de impeachment, considerado por ambas um golpe. Algumas palavras criadas pela

personagem depois foram adotadas pelo presidente, como “#Rousselfie” (que significa uma foto *selfie* da presidenta), que foi incluída nas redes sociais oficiais de Dilma Rousseff. O uso da expressão “Primeiro, Fora Temer!”, que se tornou muito comum no Brasil desde o processo de impeachment, também foi popularizada por Dilma Bolada.

Pesquisas futuras podem avançar a partir dos resultados discutidos neste artigo. Buscamos estender a análise para responder a perguntas como: em que medida as posições de Dilma Bolada influenciaram a presidenta Dilma Rousseff? De que maneiras a presidenta e a personagem se aproximaram e em que momentos suas posições se distanciaram? Outra questão que pode ser considerada refere-se ao humor. Como o humor influencia a opinião pública em relação aos políticos? Contribui para reduzir as tensões diante da subversão dos estereótipos de gênero?

Procuramos contribuir para o desenvolvimento do estudo das tensões de gênero enfrentadas pelas mulheres na política. Os resultados mostram quão complexo pode ser tentar subverter os estereótipos de gênero. Esperamos contribuir para entender o papel desses estereótipos no empoderamento das mulheres nos cargos políticos.

Referências

Almeida, Rodrigo de. 2016. *À sombra do poder*. Bastidores da crise que derrubou Dilma Rousseff. São Paulo: LeYa.

Amaral, Ricardo Batista. 2011. *A vida quer é coragem*. A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil. Rio de Janeiro: Sextante.

Biroli, Flávia. Julho-dezembro de 2011. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº 6, P. 71-98.

_____; Mota, Fernanda. Julho-dezembro de 2014. O gênero na política: a construção do “feminino” nas eleições presidenciais de 2010. *Cadernos Pagu* (43), Dossiê O gênero da política: feminismos, Estado e eleições, p. 197-231.

Brooks, Deborah Jordan. He Runs, She Runs. 2013. *Why Gender Stereotypes Do Not Harm Women Candidates?* Princeton & Oxford: Princeton University Press.

CarloMagno, Marcio Cunha; Cervi, Emerson Urizzi. 17 e 18 de outubro de 2013. Fazendo Humor e Construindo a Opinião Pública: Dilma Bolada e a Agenda Presidencial no Facebook. XII Congresso Brasileiro de Comunicação Política e Marketing Eleitoral, Juiz de Fora (MG), 16 p.

Caro, J. 2016. Jane Caro: How we celebrate female sacrifice and expect women to take second place. Women’s Agenda. Download September 12, 2017 from, <https://womensagenda.com.au/latest/jane-caro-how-we-celebrate-female-sacrifice-and-expect-women-to-take-second-place/>

Costa, Ana Alice Alcântara. 1998. *As donas no Poder. Mulher e Política na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA – Assembleia Legislativa da Bahia.

Dolan, Kathleen. 2014. *When Does Gender Matter? Women Candidates & Gender Stereotypes in American Elections*. New York: Oxford University Press.

_____. "Gender stereotypes, candidate evaluations, and voting for women candidates: What really matters?". 2013. *Political Research Quarterly*, 67 (1), 96-107.

Hayes, Danny, and Lawless, Jennifer L. 2016. *Women on the Run. Gender, Media, and Political Campaigns in a Polarized Era*. Cambridge: Cambridge University Press.

Jalalzai, Farida. 2013. *Shattered, Cracked, or Firmly Intact? Women and the Executive Glass Ceiling Worldwide*. New York: Oxford University Press.

_____; SANTOS, Pedro G. dos. "The Dilma Effect? Women's Representation under Dilma Rousseff's Presidency". In: *Politics & Gender*, 11 (2015), p. 117-145.

Jamieson, Kathleen Hall. 1995. *Beyond the Double Bind. Women and Leadership*. New York: Oxford University Press.

Leite, Pedro D., 8 mar 2007. Em busca da mulher completa. Folha de S. Paulo, Brasília. Especial. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0803200704.htm>. Acesso em 10/01/2017.

Monteiro, Jeferson. Facebook. *Dilma Bolada*. Disponível em: <https://www.facebook.com/DilmaBolada/> Acesso em: 03 dezembro 2015.

Nossa, Leonencio. March 10th 2009. Sou uma mulher dura cercada de homens meigos, diz Dilma. Estado de São Paulo, São Paulo. Política, Eleições 2010. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,sou-uma-mulher-dura-cercada-de-homens-meigos-diz-dilma,336414>. Acesso em 01/10/2017.

Miguel, Luis Felipe; Biroli, Flávia. 2014. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo.

Monteiro, Jeferson. December 12th 2015. Entrevista concedida a Adriana Jacob Carneiro. Rio de Janeiro.

Norris, Pippa. 1997. *Women, Media and Politics*. Nova York: Oxford University Press.

Paxton, Pamela, and Hughes, Melanie M. 2017. *Women, Politics, and Power. A Global Perspective*. Los Angeles: Sage, CQPress.

Pompper, Donnalyn. 2017. *Rethoric of Femininity. Female Body Image, Media, and Gender Role Stress/Conflict*. Lanham: Lexington Books.

Raicheva-Stover, Maria, and, Ibroscheva, Elza. 2014. *Women in Politics and Media. Perspectives from Nations in Transition*. New York: Bloomsbury.

Weitz, Rose. 1998. *The Politics of Women's Bodies. Sexuality, Appearance, and Behavior*. New York: Oxford University Press.

Weldon, S. Laurel. 2014. *When Protests Makes Policy. How Social Movements Represent Disadvantaged Groups*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.